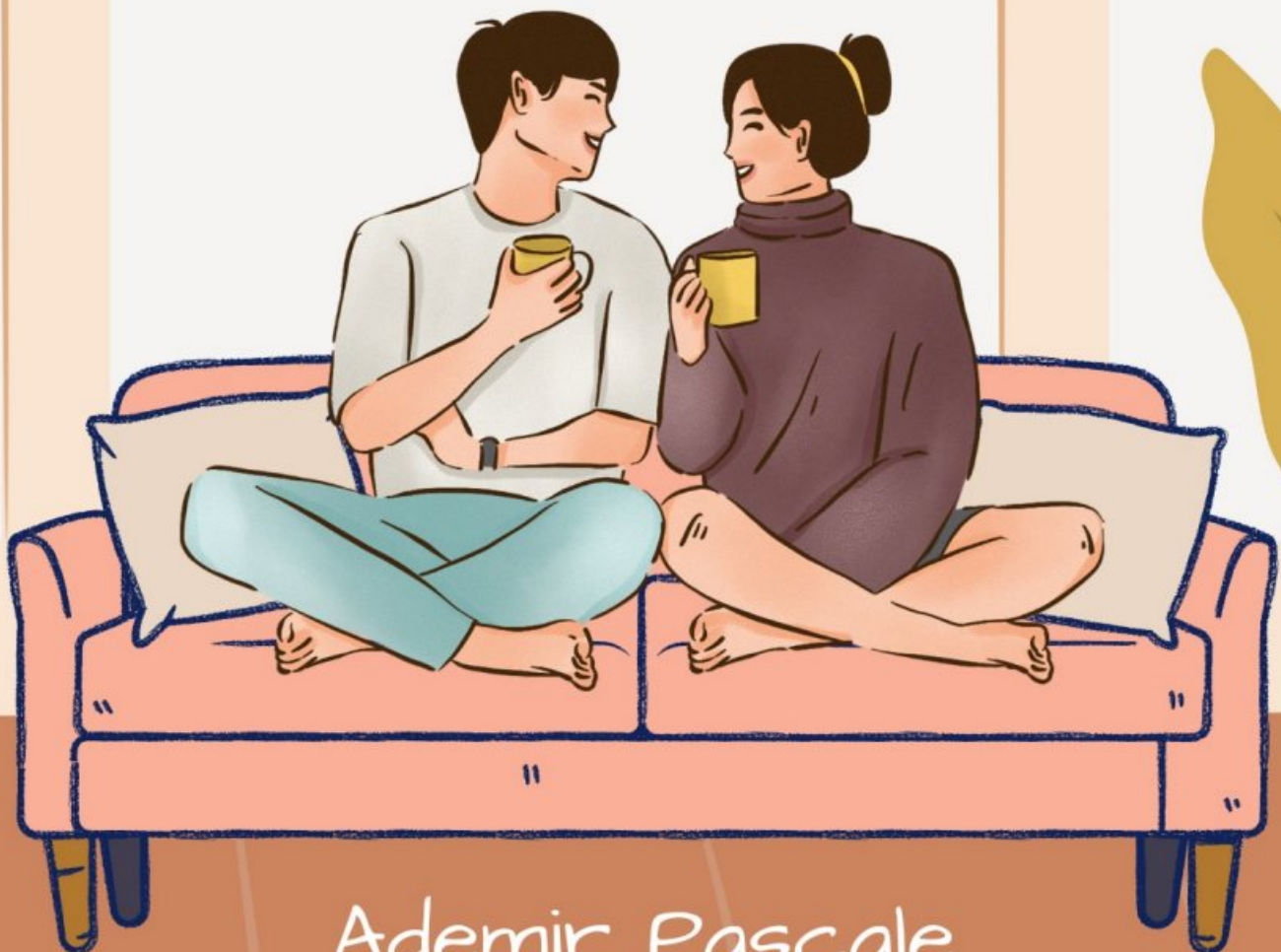


# Tempo de Amar

Contos e Poemas  
VOL. XII



Ademir Pascale  
Organizador

**ORGANIZADOR**

**ADEMIR PASCALE**

**Copyright © por Autores**

**Projeto editorial por Ademir Pascale**

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos  
autores**

**Obra protegida por direitos autorais**

**Este e-book é parte integrante**

**da Revista Conexão Literatura**

**ISBN: 978-65-01-14995-0**

**2024**

**Patrocínio:**

**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**

# SUMÁRIO

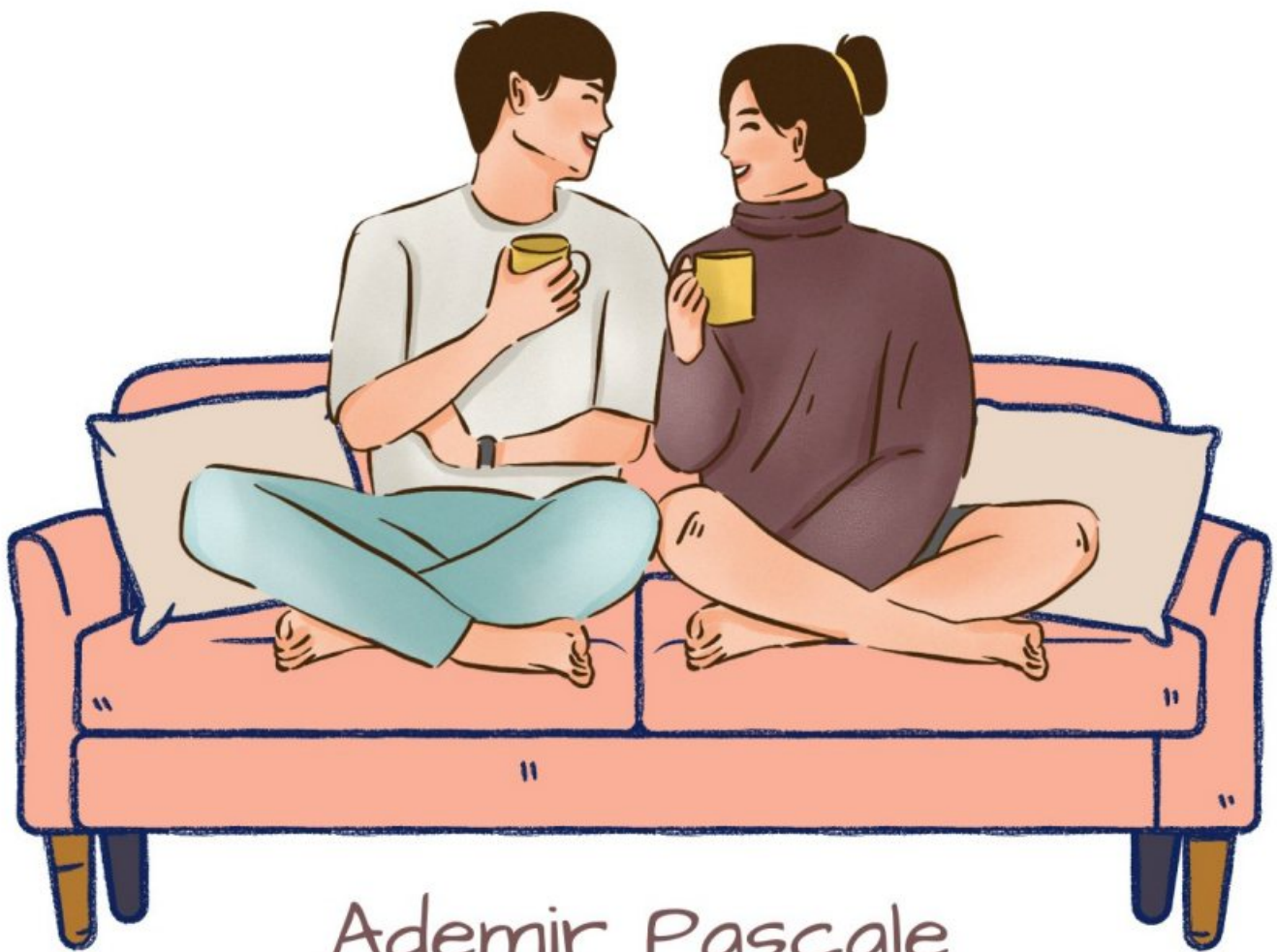
CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

- A ESPERA, POR ALESSANDRA LIMA, PÁG. 05  
LAÇOS ETERNOS, POR ALESSANDRA LIMA, PÁG. 07  
ENCANTO, POR ALESSANDRA LIMA, PÁG. 09  
O POETA, POR ÂNGELA MARIA DE SOUTO BARRETO, PÁG. 12  
NORDESTINÊS, POR ÂNGELA MARIA DE SOUTO BARRETO, PÁG. 14  
DOIS LADOS DE UM APAIXONADO CADERNO!, POR HENRIQUE MEDEIROS SERGIO, PÁG. 17  
SEGURO AMOR CULTIVADO, POR JAMILY MARTINS DA SILVA, PÁG. 20  
VIDA NO INTERIOR, POR JOANNA PINTO DA FONSECA, PÁG. 22  
LIÇÃO DE AMOR, POR JOANNA PINTO DA FONSECA, PÁG. 24  
ORDEM E ANARQUIA, POR JOÃO PAULO MOÇO, PÁG. 27  
AMOR EM RUÍNAS, POR JOÃO VERAGO SANTINHO, PÁG. 30  
A DESPEDIDA, POR JOÃO VERAGO SANTINHO, PÁG. 34  
COCEGUINHAS, POR LEONARDO AUGUSTO, PÁG. 37  
CONCHINHA, POR LEONARDO AUGUSTO, PÁG. 40  
MATUTO CURIOSO, POR PATRICIA VIEIRA, PÁG. 43  
CAROS AMIGOS, POR PATRICIA VIEIRA, PÁG. 48  
ESTRADAS (DES)CONHECIDAS, POR PAULO MORISSON, PÁG. 53  
CASA COMIGO?, POR PAULO MORISSON, PÁG. 56  
MÃEZINHA, POR SELMA LUANNY, PÁG. 58  
SEMPRE PRESENTES, POR SELMA LUANNY, PÁG. 60  
AMOR E TUDO O MAIS, POR SELMA LUANNY, PÁG. 62  
DIAS PERIGOSOS, POR SELMA LUANNY, PÁG. 64  
UNO, POR TÂNIA CASTRO, PÁG. 66  
MAGIA DA VIDA, POR TÂNIA CASTRO, PÁG. 68  
AMIZADE, POR TÂNIA CASTRO, PÁG. 70  
CURA, POR TÂNIA CASTRO, PÁG. 72  
LIMIAR, POR TÂNIA CASTRO, PÁG. 74  
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 76



# Tempo de Amar

Contos e Poemas  
VOL. XII



Ademir Pascale  
Organizador



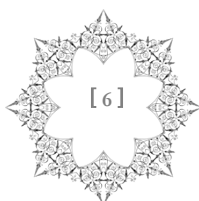
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# A espera

Por Alessandra Lima

Alessandra Bentes Lima, natural de Santarém-PA, professora, escritora, graduada e pós-graduada em Língua Portuguesa. Mestre em Ciências da Educação. Organizadora e coautora de quatro obras literárias: *Literatura no Palco* (2016); *Gêneros Textuais no Cotidiano Amazonense Vol. I e II* (2017); *Pra Não Deixar de Ler: De Leitores a Escritores* (2019); e uma obra de cunho didático-pedagógico intitulada "Ágora: Protagonismo em Ação". Atualmente, é coordenadora da Área de Linguagens em uma escola pública do Estado do Amazonas.

Esperei a vida toda  
Por gestos cordiais  
Por olhares ternos  
Por afagos  
Por palavras afáveis  
Por uma única frase  
Que expressasse seus sentimentos  
A espera, aparentemente, eterna e infinda  
Convenceu-me de que o Amor não existe  
E, infelizmente, na hora de minha morte  
Um toque terno me surpreendeu  
O afago de tuas mãos em minha face  
E aquela frase um dia tão desejada  
Sussurrada aos meus ouvidos  
“Eu te amo!”  
Por que cultivaste a arrogância?  
Deixaste teu orgulho e tua arrogância prevalecer  
Agora, lamento, pois já é tarde!!  
De nada valerão, nesse momento, teus afagos  
Tuas palavras  
A hora é finda!!  
Então, mais uma vez convenceste-me  
O Amor não existe, pois se não pude vivê-lo  
Tampouco o poderei agora...





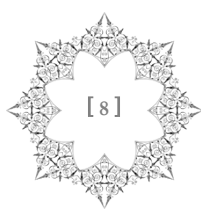
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Laços eternos

Por Alessandra Lima

Alessandra Bentes Lima, natural de Santarém-PA, professora, escritora, graduada e pós-graduada em Língua Portuguesa. Mestre em Ciências da Educação. Organizadora e coautora de quatro obras literárias: *Literatura no Palco* (2016); *Gêneros Textuais no Cotidiano Amazonense Vol. I e II* (2017); *Pra Não Deixar de Ler: De Leitores a Escritores* (2019); e uma obra de cunho didático-pedagógico intitulada "Ágora: Protagonismo em Ação". Atualmente, é coordenadora da Área de Linguagens em uma escola pública do Estado do Amazonas.

Ser amigo é  
Criar laços que amarram o amor  
Que sufocam a dor  
E que consolam a alma.  
“Existem amigos mais  
Chegados que irmãos”  
Porque sempre nos estendem a mão  
Eles mexem com nossa emoção.  
São como diários  
Sempre prontos a ouvir  
São como oráculos  
Sempre prontos a exprimir  
A sabedoria que nos faz sorrir.  
Mas quando se vão  
Deixam um vão  
Que faz doer nosso coração  
Então só nos resta a saudade da doce amizade  
Que levaremos para a eternidade!







A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Encanto

Por Alessandra Lima

Alessandra Bentes Lima, natural de Santarém-PA, professora, escritora, graduada e pós-graduada em Língua Portuguesa. Mestre em Ciências da Educação. Organizadora e coautora de quatro obras literárias: *Literatura no Palco* (2016); *Gêneros Textuais no Cotidiano Amazonense Vol. I e II* (2017); *Pra Não Deixar de Ler: De Leitores a Escritores* (2019); e uma obra de cunho didático-pedagógico intitulada *“Ágora: Protagonismo em Ação”*. Atualmente, é coordenadora da Área de Linguagens em uma escola pública do Estado do Amazonas.

Encontramo-nos  
Foi tão lindo...  
Para mim, especial.  
Nos seus olhos  
a ternura e o *encanto*  
Que também me encantaram.  
Momentos felizes passamos!  
Desejei que fossem infinitos...  
Sentimentos externados  
Hum...! Cheirinho de romance.  
Ó que *encanto*!  
Mas de repente...  
O *encanto* transformou-se em dor,  
Tristeza...  
Ah, como doeu separarmo-nos!  
Será isso aquilo que chamam de amor ou paixão?  
Não consegui entender por que  
“Meu” ganso  
Preferiu outra lagoa  
Em vez de mim.  
Isso por tempos me consumiu  
E quase me fez secar...  
Deve ser esse o preço por me apaixonar  
Porém, hoje, lagoa adulta que sou  
Compreendo perfeitamente  
Que todos têm a liberdade  
De fazerem suas escolhas  
Cada ser é um mistério  
De gostos diferenciados  
Que normalmente não são  
Tão fáceis de compreender,  
Mas que nem por isso

Devem ser ignorados  
Pobre lagoinha que eu era  
Não compreendia que não era em mim  
Que meu lindo ganso se sentia feliz...  
Contudo, a partir do momento  
Em que passei a compreender essas coisas  
Um belo dia... que surpresa!  
Um lindo cisne apareceu  
Banhou-se em minhas águas,  
Pois fui eu a lagoa que ele escolheu  
E isso fez de mim uma lagoa muito feliz,  
Pois sua companhia me trouxe  
Um *encanto* que jamais havia experimentado!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

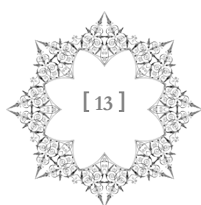
# O Poeta

Por Ângela Maria de Souto Barreto

Sou pedagoga, trabalho no Estado, com pessoas saídas do regime fechado, que estão pagando sua pena em liberdade, coordenando o setor de Emprego. Sou mãe de três filhos e avó de quatro netos, que me realizam como pessoa.

Durante a pandemia me descobri poeta, seguindo o exemplo de Cora Corlina, minha inspiradora.

O Poeta é um ser mutante,  
Que transforma aquilo que vê. Toda cena vira história,  
Toda história traz um saber.  
É inquieto e curioso,  
Mas quando lhe cai nas mãos,  
Tinta, papel, inspiração,  
Consegue romper barreiras,  
Surgindo uma nova criação.  
O branco não é de todo branco.  
O preto, até branco tem.  
Vão se misturando as cores,  
Reencontrando os amores,  
E, nessa mistura, as dores  
Fazem surgir seus valores.  
O poeta consegue enxergar  
O que ninguém imagina.  
Vê o amor em cada esquina,  
Sente em si a dor alheia,  
Doa-se sempre, e se pranteia  
E não se cansa de sonhar  
Que o mundo vai melhorar,  
O ser humano vai acordar  
Do torpor em que se encontra,  
Olhar para o lado e enxergar,  
O irmão que ganhou da vida  
E que agora mendiga,  
Um apoio, um olhar!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Nordestinês

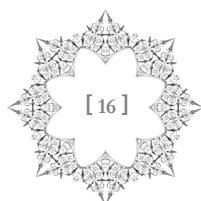
Por Ângela Maria de Souto Barreto

Sou pedagoga, trabalho no Estado, com pessoas saídas do regime fechado, que estão pagando sua pena em liberdade, coordenando o setor de Emprego. Sou mãe de três filhos e avó de quatro netos, que me realizam como pessoa.

Durante a pandemia me descobri poeta, seguindo o exemplo de Cora Corlina, minha inspiradora.

Quem não é nordestino,  
Não fala nordestinês.  
Não sabe o gosto que tem,  
Comer galinha com xerém. Não tem na  
Vida uma mainha, nunca teve voinha também.  
Quem não fala nordestinês,  
Não esteve presente à escola, no dia  
Que a professora mostrou as belezas  
Do Nordeste,  
Pois acredita que a gente,  
Além de ser muito valente,  
Mora até hoje no Norte,  
E cada um traz, na cintura,  
Bem presa, ao cinturão, uma peixeira  
Que saca, para honrar Lampião.  
Só o nordestino sabe, o gosto da rapadura,  
Derretendo na boca, acalmando a  
Aflição, de olhar para o céu e saber, que  
Apesar de tanta devoção, ainda não  
Vai chover!  
Somos, sim, um povo forte,  
Pois quem mais suportaria,  
Ter a seca por companhia, e  
Nunca perder a fé,  
De pedir a São José,  
Pra ver a água escorrer,  
Molhando esse chão sofrido,  
Se misturando às lágrimas,  
Que molham o rosto exaurido...  
Ôxente, meu padin Ciço,  
Abençoa esse cabra da peste,  
Que saiu lá do Nordeste, pra

Tentar a sorte grande, mas não  
É que eu descobri, que deixei  
Naquele chão, bem guardado,  
Enterrado, esse velho coração?  
Agora tudo que quero,  
É pisar de novo aquela terra,  
E resgatar meu tesouro,  
Debaixo daquele chão!







A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Dois lados de um apaixonado caderno!

Por Henrique Medeiros Sergio

Henrique Medeiros Sérgio (HenriqueSer) Autor, Pesquisador e Palestrante sobre: Violências contra Mulheres e LGBTQIAP+, Relações Intrapessoais, Interpessoais e Pessoais, Autor e Ilustrador de vários livros.

E-mail: [henriquemedeirossergio@gmail.com](mailto:henriquemedeirossergio@gmail.com)

WhatsApp: 21/ 98503.3000

Enquanto as linhas do caderno estão dentro “da linha”!  
Meu caderno passa a noite pensando em ti.  
Imagina seu jeito de dormir.  
As linhas de meu caderno  
gostariam de contornar as linhas do seu corpo...  
hummm...  
Deslizá-las, deslizá-las, deslizá-las  
para poder uni-las.  
Entremeando, entremeando, entremeando,  
nos côncavos e nos convexos  
do seu corpo e nas formas que possam existir.  
Suspirando, criando coisas,  
criando coisas, suspirando  
tantas coisas e depois nele redigi.  
São memórias de prazer e gozo,  
de gozo e de prazer,  
que em prosa, você vai ouvir.  
Enquanto muitos tentarão refazer, gozar  
sentir, aquilo que sinto aqui.  
E quando essas mesmas linhas do caderno ficam fora “de linha”!  
Meu caderno que passava a noite pensando em ti,  
não quer mais imaginar esse seu jeito de se ruir.  
As linhas de meu caderno que gostavam de contornar  
as linhas do seu corpo ao vê-lo dormir,  
perderá em desamor, nada mais tendo para redigir.  
Os côncavos e convexos do seu corpo,  
pouco me alucinará, não muito mais me fascinará.  
Será uma mistura de desdém, medo e falta de dopamina.  
Enquanto você irá como uma metanfetamina  
em suas tentativas irrefreadas e sofridas  
encontrar razões para rejeições e suas feridas.  
E ele, o mundo,

somente observar sem oferecer soluções ou saídas.

Estremear, sem abraças, sem oscular,

Tudo ao entorno acaba por afastar.

Um as frustrações, uns desequilíbrios,

Nada muito mais para se falar

Apenas ficam as diferenças para se realçar.

Sobreviva a essa alucinada sepe em sua rotina,

e tente sair logo desta guilhotina.

Reavalie-se, permita-se uma faxina,

organizando essa louca adrenalina.

Ao final desta depuração

Tentarei ainda estar aqui como um clarão.

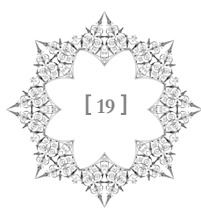
Saiba de antemão, que meu caderno estará

sempre aqui, para te ensinar uma poção mágica

que aqueça bem o seu coração!

São os dois lados apaixonado do meu caderno,

que escreve, te quer bem e te ama com paixão.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Seguro amor cultivado

Por Jamily Martins da Silva

Jamily Martins da Silva é uma jovem de 19 anos, estudante de psicologia, apaixonada por poesias, lugares e pessoas. Nas horas vagas gosta de ouvir músicas, praticar instrumentos, ler bons livros e rever filmes antigos.

No seu sorriso, ela encontra alegria e paz de viver,  
Ela finalmente entende sobre reciprocidade e como é gratificante cada vez mais lhe  
conhecer,  
Ela procura sua linguagem de amor e demonstra com facilidade,  
Respeita seus defeitos e aprecia cada qualidade,  
Finalmente encontra alguém que não carrega inseguranças e ciúmes excessivos nada  
saudáveis que sua geração alimenta,  
Prezo pela confiança, conversa e ações que cada um sustenta,  
Não liga de ser emocionada e se entregar demais,  
Procura experiências novas alinhadas com suas visões de futuro cada vez mais,  
Vê que é ele quem quer para fazer parte dos seus sonhos e suas loucuras,  
Em todas as estações e em todos os processos de cura.  
Ele traz poesia em meio a tanta solidão e melancolia que nela habita,  
Ele traz o barulho das ondas do mar que lhe acalmam,  
Ele a faz ver as mais lindas estrelas que podem ser encontradas no céu,  
Ele a faz querer subir em um altar com o mais lindo véu.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Vida no interior

Por Joanna Pinto da Fonseca

Joanna Pinto, engenheira formada, hoje aposentada por incapacidade permanente, busca nas artes e na escrita o seu despertar.

Hoje cursa sua quarta especialização, desta vez em letras e publica contos e resenhas na revista periódica da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

A vida na fazenda tem outro ritmo, Leda e Celio sabem disso.

Se mudaram da cidade e mudaram hábitos também, mas continuam, ele sempre trabalhador e carismático, ela sempre esforçada e amorosa.

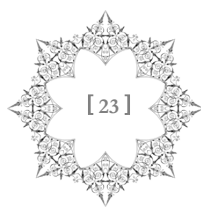
Celio acorda todos os dias antes do galo cantar, até porque, se fosse depender do velho galo chicó, iria acordar depois do meio dia; Leda está de pé junto ao marido, vai preparar seu café - bem adoçado - antes que ele saia pra lida.

Leda ouviu outro dia na tv alguém bradando que “lugar de mulher é onde ela quiser”, ela até concordou mas pensou, “o meu eu quero que seja ao lado do Celio, e daí”!? Ao mesmo tempo Celio passa, cinge a cintura da esposa, estala um beijo na bochecha e sai só elogios.

Celio deixou a barba crescer, está queimado de sol, mas há traços de vaidade que a labuta dura não esconde, só acentua.

O dia passa rápido na fazenda desses dois, Leda estuda, cuida da casa, dos pais e do Celio; Ele cuida do pasto, do gado, da ordem e da Leda.

E a noite cai, e há espaço pra troca de carinhos, confidencias e admiração.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Lição de amor

Por Joanna Pinto da Fonseca

Joanna Pinto, engenheira formada, hoje aposentada por incapacidade permanente, busca nas artes e na escrita o seu despertar.

Hoje cursa sua quarta especialização, desta vez em letras e publica contos e resenhas na revista periódica da Universidade Presbiteriana Mackenzie.



Mariana acordou de um pesadelo banhada em suor, entreabriu os olhos lentamente tentando se acostumar a penumbra da noite através da poeira de seus livros velhos e sem limpeza, desde o dia que havia se trancado em si mesma, dentro de seu quarto, ela não lembrava quanto tempo estava sozinha ali, remoendo cada lembrança e pormenores daquele amor passado.

Correu os olhos ao redor, se detendo nas fotos e folhas espalhadas no chão a seu lado, o tanto que havia escrito em sua agonia, cada frase levava um pedaço dela, cada palavra trazendo de volta um tempo perdido, e as músicas que tocavam no rádio completando a inquietude de seu coração, as notas ferindo tão intensamente quanto um punhal dos livros lidos, a cabeça girando na letra da canção tão conhecida, até que a voz gutural se tornou mais profunda e quase sobre-humana, fazendo Mariana sentir-se impelida pelo desejo de ferir-se, como se assim houvesse um tipo de redenção ao passado.

E em estado de enlevação, se joga contra a janela, sente o vidro estilhaçado no corpo em movimento, a respiração falha e então no vazio, a solidão.

Ela acordou novamente, agora além do suor, a cabeça doía e sentia algo viscoso em seu braço.

Fora acordada por batidas insistentes e fortes na porta, logo seguidas por uma voz masculina em tom urgente e imperativo.

Num ímpeto levantou seu tronco debruçando-se em si mesma, acostumou seus olhos a luz e viu o sangue que havia escorrido até a mão de um corte próximo ao pulso.

Foi então que se deparou com os vidros no chão e sentiu um vento mais forte entrando pela janela quebrada, as imagens surgiram imediatamente em sua mente e se lembrou de quando perdera a consciência.

Sentou novamente, lá fora as batidas fortes foram substituídas por toques gentis e a voz masculina por uma voz infantil e doce.

“pima, por favô, vamô na paia”

Ela se sentiu inundada de um amor tão gentil e doce quanto a voz, e talvez tenha entendido só por um instante, que o amor não precisava fazer sofrer, mas isto só faria real sentido depois, quando um tutor lhe explicasse.

Então levantou usando de toda sua força e abriu a porta vagorosamente pela primeira vez em mais dias do que podia se lembrar.

O abraço da doce criança atrás da porta foi tão apertado e ao mesmo tempo tão gentil, cheio da inocência natural que as crianças carregam consigo e compartilham no mundo a seu redor.

A prima não entendia o que acontecia ou se passava na vida íntima de Mariana, só queria levá-la a praia e brincar e se divertir, e Mariana estava cansada do seu quarto, sua prisão interna, e resolveu se agarrar àquela oportunidade como um recomeço, talvez fosse o melhor a se fazer, olhar a centelha de amor a sua frente e viver uma nova vida.

Tentou contar os dias, não conseguiu, mas teve vergonha de si quando lembrou que estava sem banho, foi ao chuveiro e o corte em seu braço doía, a praia ficaria para depois, agora iria ao hospital levar pontos que assim como outras dores, a marcariam para sempre.

O tempo passou, sempre passa, ela havia tentado, de todas as maneiras que conhecia.

Trocou o telefone , não o recebia, mudou de emprego, desfez amizades, mas nada fora suficiente, ela ainda

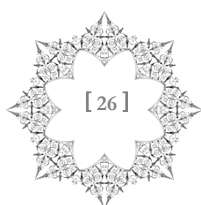
se sentava em uma pedra da praia tão conhecida, com um cigarro aceso entre os dedos, olhava para o horizonte sem nada ver, era só mais um dia de agonia que ela esperava acabar.

Pensava no motivo, lembrando de cada detalhe, desde o início até aquele momento, se culpando e refazendo cenários, e se ela não tivesse dito, e se não tivesse agido, ou se tivesse agido de outra maneira, se.

Mas nada mudava e nada mudaria, ela ainda estava na praia, agora caminhando na areia fofa com lágrimas pela face.

Eram assim suas noites, ela entrava no ônibus com as lágrimas já brotando nos olhos, olhando as pessoas ao redor, tentando descobrir pelos gestos de cada um, quais seriam suas dores para que ela pudesse as comparar.

Mas ninguém sabe o que se passa no recôndito do outro e o que levamos em nós é só nosso, e Mariana só descobriria isso muitos anos depois.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

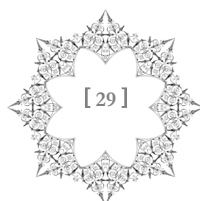
# Ordem e anarquia

Por João Paulo Moço

João Paulo Moço é Professor de Matemática das Redes Estadual e Municipal do Rio de Janeiro, leciona no Colégio Estadual Maria José Raunheitti Duccini e atua como Diretor na Escola Municipal Deputado Hilton Gama. É Pós-Graduado em Educação Matemática e Poeta desde a infância. Nascido no bairro da Saúde, cidade do Rio de Janeiro e morador do bairro Andrade Araújo, cidade de Belford Roxo. Sua publicação mais recente é o poema "Rua verde-vida" na Antologia de Inverno da Editora Vila Rica.

Eu não entendo você.  
Eu tento com todas  
as minhas forças.  
Mas nada me faz compreender  
porque você é assim.  
Por que você não me ouve?  
Por que tudo  
o que eu digo a você  
tem menos importância  
do que tudo  
que ouve por aí?  
Por que eu não consigo mais  
conquistar você?  
Antes, era tudo mais fácil.  
Quando você era pequeno,  
eu era o seu herói.  
Era tão simples te fazer sorrir...  
Hoje, nem sei mais  
se um dia  
você vai voltar  
a dar boas risadas  
comigo.  
O tempo segue passando  
e nos encontra  
cada vez mais distantes.  
Eu não sei mais o que fazer.  
Como eu pude me tornar  
o extremo oposto  
de tudo que você  
acredita na vida?  
Não importa mais.  
Porque a única verdade

que me conforta  
é que eu procurei dar  
sempre  
o meu melhor,  
mesmo sem ser  
compreendido!  
E que nenhuma diferença  
entre nós dois  
vai mudar o fato  
de que, mesmo você  
não querendo saber,  
eu te amo, meu filho!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Amor em ruínas

Por João Verago Santinho

Nascido dentro da Unicamp, filho de dois jovens estudantes: Pedro Alem Santinho e Josiane Lombardi Verago, é o jovem João, estudante de Letras. Carrega uma história de vida peculiar, por ter crescido na fábrica ocupada Flasko, que foi gerida por seu pai. Além deste evento, João morou em 19 casas espalhadas por algumas cidades do Brasil, como São Paulo, Campinas, Sumaré e Rio de Janeiro. Uma infância conturbada e hoje usa a escrita para sentir e assimilar os sentimentos emergentes da juventude e os resquícios do passado.

Quando eu era criança  
Um dos meus costumes era olhar para meu pé  
E imaginar que pisava em uma pegada  
Subatômica no espaço tempo.

Um dia fui visitar o palácio do Catete.  
No quarto de Getúlio estava o pijama fúnebre exposto.  
Senti inveja de sua matéria  
Que tocou a pele de quem morreu

E como de costume andei até o centro do cômodo,  
Pisei com o pé esquerdo  
Pouco a frente do corpo  
E fiquei algum tempo nessa posição  
Imaginando a possibilidade de capturar  
Que fosse  
Um neutrino fissurado por aquele pé.  
Torcendo para que algum dia  
Tivesse caminhado descalço por ali.

Sempre perguntava se o piso e as pinturas das paredes  
Haviam sido restauradas.  
Pois prefiro as ruínas aos museus.

Quando morei em Araraquara pisei no pé  
Do Mário de Andrade.  
No mesmo banheiro onde escreveu Macunaíma.

Em Paraty, andar pelo centro histórico  
É como pisar  
em mil fulanos.

Quando sinto saudades do meu avô  
Deito pelado no azulejo gelado  
Do seu quarto.

Guardei a embalagem do preservativo  
E do absorvente  
Da nossa última transa.

E durmo com a mancha do sangue do seu sexo,  
Dessa nossa última noite,  
No meu colchão.

Sinto a presença avulsa  
Dos radicais livres  
Que restaram dos seus rastros na rua

Sinto a presença que pulsa,  
Dos seus astros,  
No meu mapa, na lua

Tenho arranhado com força  
A toalha na pele  
Pra te consumir por osmose.

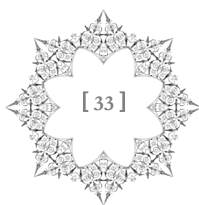
Tenho esfregado aquele suéter na mão  
E na cara  
Para roubar seu cheiro.

Tenho esfregado a mão na cara  
Para limpar o cansaço  
Do que já passou



Esses dias me dei conta que faz alguns meses  
Que nós pegamos a mesma linha de ônibus.  
Você pega o matutino  
E eu algumas horas mais tarde.  
Fico calculando a demora que o veículo levaria para terminar seu percurso e voltar  
Só para entrar na sua carona  
E imaginar que apertamos o mesmo botão  
Ou que sentamos no mesmo assento.

Escrevo pra perpetuar a matéria  
Sou marcapasso da memória  
Sou tudo que se esquece no ato  
Antes mesmo de ir embora  
E nós já fomos  
e o que me resta é escrever a ruína da saudade  
do simples algodão que limpou  
sua maquiagem.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# A despedida

Por João Verago Santinho

Nascido dentro da Unicamp, filho de dois jovens estudantes: Pedro Alem Santinho e Josiane Lombardi Verago, é o jovem João, estudante de Letras. Carrega uma história de vida peculiar, por ter crescido na fábrica ocupada Flasko, que foi gerida por seu pai. Além deste evento, João morou em 19 casas espalhadas por algumas cidades do Brasil, como São Paulo, Campinas, Sumaré e Rio de Janeiro. Uma infância conturbada e hoje usa a escrita para sentir e assimilar os sentimentos emergentes da juventude e os resquícios do passado.

Talvez tenhamos sido só como  
Um sorriso de relance no tempo.  
Desses que sorrimos de volta  
Por horas, dias, anos,  
Num pequeno instante.  
Desses que suam nossas camas  
Ofegantes.  
De dedicatórias nas estantes.  
Creio que fomos sorrisos que mudam o rumo da vida.  
Desses que nos lembramos de como era antes  
Ou talvez não...

Pode ser que sejamos  
Apenas  
Sorrisos independentes.  
Caminhantes. Bifurcados.  
Talvez nem sejamos assim tão complicados.

Mas eu gosto de sonhar  
com cada detalhe delicado.  
É que eu não sonho dormindo  
Só acordado.

Vou ficcionar o nosso reencontro  
Daqui alguns anos  
Cada um dos dois casados  
Com estranhos.

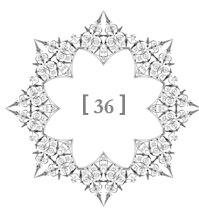
Vou romantizar  
que ao ler esse poema  
Abandonaria tudo  
Para fugirmos à Viena.

Ou só vou fingir que sumimos  
Como mágica.  
Que num pequeno acidente  
Morremos de uma morte trágica.

Mas nessa última noite nos despedimos  
Com um último sorriso fumegante.  
E abandonemos nosso remorso  
Pois me sinto vivo  
E de onde eu venho  
Despedida sem beijo  
É só pros mortos.

Tentando encontrar de onde que eu vim  
Até conhecer os tantos que sou.  
Num tango inconforme e ritmos rápidos  
de palmas que passam e passos frígidos  
até conhecer nos tantos que estou

Sou só o ranger da mobília noturna  
Um rangido dental. Caninos retos





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Coceguinhas

Por Leonardo Augusto

"Caraguatatubense original, poeta, produtor cultural e técnico de arquivo. Trabalha no Arquivo Permanente de Caraguatatuba desde 2020. Partícipe na literatura nacional em diversas coletâneas de prosa e poesia pelo país; escritor do "autanamnese", publicado pela Editora TAUP em 2024 através da Lei Paulo Gustavo nº 195/2022; assistente de produção da "Mar e Filmes Produções"."

Ainda não sei o que é amor  
Amor é cinquenta por cento experiência própria  
Amor é cinquenta por cento fábula de concreto  
Amor é cinquenta por cento do resto real  
Amor também é um acidente borbulhante e parassimpático  
Mas são tantas equações desequilibradas  
Abaixo de andaimes frágeis;  
Achar que se conhece amor,  
Presumir que isso que você faz comigo é amor.

Amor é você falando com pressa e eu congelando os segundos  
Pra detectar suas vontades ali ocultas  
Amor é você levantar da cama bem rápido  
E dar um copo de água gelada pra gente  
Amor é você resumir em algumas horas  
Aquela história toda que sua mãe deixou de contar pra mim  
Eu gosto de achar que amor é a delicadeza das suas mãos grandes e ásperas  
Espalhando cócegas, semeando mágica na minha pele

Amor é uma vitamina de sustância, saúde e placidez  
Guarnição favorita da sopa de viver  
Quando você me levanta com os dois braços e me empurra pra cima  
E eu posso ver o topo do seu crânio cabeludo e macio  
E sua pele dourada, e seu perfume bruto

Quando você rebola uma língua sua  
Em uma língua minha  
E a gente brinca de espadas e artilharia  
Sulcos de nós vandalizando as dobras da roupa de cama  
Te interrogo, “eu te amo”  
E você me detém, “eu te amo mais”  
Até a gente se usar de escada

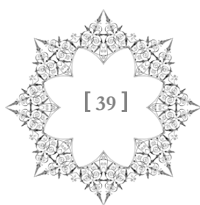
Pra bater o cocuruto nos céus  
E cairmos de supetão, de cara no colchão  
Aí te dou uma mão e estaciono meu peito no teu

Quando abrimos portas das nossas memórias  
Ilustramos quem é você daí  
Quem sou eu que moro aqui  
E irmos de encontro, se amalgamar,  
Ali no meio do caminho

Ainda não sei o que é amor  
Todo dia parece ser um bocado mais disso  
Dessa festinha  
Do ocre do seu rosto  
Uma benevolência abundante  
Você me tem em mãos  
Como alguém que toca em formigas para  
Cuidá-las  
Dosando tensão calculando tenacidade  
Pra me ter em mãos

Ainda não sei o que é amor  
Parece ser você

Sei pouco sobre tanto  
Mas o amor tem um jeito lindo de você





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Conchinha

Por Leonardo Augusto

"Caraguatatubense original, poeta, produtor cultural e técnico de arquivo. Trabalha no Arquivo Permanente de Caraguatatuba desde 2020. Partícipe na literatura nacional em diversas coletâneas de prosa e poesia pelo país; escritor do "autanamnese", publicado pela Editora TAUP em 2024 através da Lei Paulo Gustavo nº 195/2022; assistente de produção da "Mar e Filmes Produções"."



Antes de começar, quero tornar público  
Meus conhecimentos científicos sobre a comédia romântica  
(Eles serão importante a seguir):  
É comprovado por ene laboratórios que existem riscos  
De fraturar sua autoimagem em busca de um parceiro, correto?  
Se moldar a relacionamentos;  
Tornar-se duas ou dois;  
Virar uma esposa, desenvolver-se como amador e amado.

—

Enquanto segurava seus braços eu disse a ele que minha cama não era mais minha  
Ele amaldiçoou minha cama tornando-a nossa  
É ultrajante que um indivíduo estrangeiro  
E completamente outro-alguém-que-não-seja-eu-mesmo  
Tenha posse e propriedade do meu bem mais fundamental,  
A merda do meu colchão de casal queen.

Tive que revelar a ele essa titularidade inédita, para reafirmar no cartório que  
A relação instável está de volta

Essa cama não é mais minha, agora é dele e é nossa  
Quando me espalho por ela eu não dou conta de deitar em tudo,  
Mas nós dois deitamos, nós juntos.  
Não pense que essa revelação tenha sido um ato de misericórdia  
Ou um desses pedidos patéticos por clemência,  
Porque Deus sabe que eu não sou clemente, nem misericordioso  
Era só, você entende — a bendita necessidade

Ele precisa saber que essa cama é nossa  
Ele precisa saber que eu durmo ao seu lado

Agora quem me dá o puxão de orelha é a própria, a faculdade inacabada de psicologia:  
Na ausência dele eu me afundei de tal modo que acabei sumindo no meio da cama  
Eu derreti, sublimei, me tornei raio gama e pó estelar,  
Porque a ideia de não tê-lo era inconcebível demais pra realidade

Eu morri enquanto ele estava fora  
E agora tenho, de novo, por ora, a paz dos seus braços

Nos entrelaçamos de madrugada  
— ele disse que éramos como trepadeira  
— eu rebati falando que na real somos cipós  
E eu pude contar quantos poros tinham seu rosto, quantos pelos tinha seu queixo, quantas  
dores tinham seus olhos, quanta força tinha seu beijo

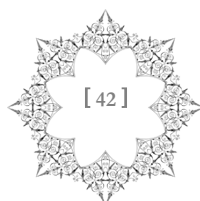
Ele é a gasolina mais preciosa que já bebi  
E ele está aqui, agora, dividindo a minha ex-minha-cama

—

Entretanto.  
Estou nos colocando em perigo por aqui  
Ele está perto demais de mim  
Eu estou perto demais da gente  
Não há fissura delimitando minha aritmética emocional,  
Eu continuo sendo eu (infelizmente) e posso machucá-lo e a mim também

Não sei dormir sozinho na cama  
A cama, não a literal, eu digo uma cama metafórica, boboca,  
uma coisa clichê sobre a vida, as jornadas, etc e tal, eu não sei  
E agora ele está dormindo comigo, tão sereno, tão frágil,  
E ai de mim acordá-lo de um bom sonho

Ai de mim perdê-lo pra vida  
Ai de mim perdê-lo de mim





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Matuto curioso

Por Patricia Vieira

Professora de educação infantil, pedagoga, Mestre em Tecnologias Educacionais, mora em uma pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul, onde diz ser o seu lugar no mundo. Tem três meninos que são sua maior realização, tem na leitura uma paixão e na escrita o seu empoderamento. Poemas, poesias, contos, textos técnicos, não importa. Escrever é o que realmente traz sentido à sua existência.

Um maturo curioso, assim se define o garboso homem, um filósofo, apaixonado por história, poesia, boa literatura e cultura gaúcha. Educado, gentil e atencioso, foi ele que primeiro reparou nela, a muitos anos quando ela veio morar na sua cidade. Na época, a mais de 20 anos, presenteou-a com um exemplar de “O analista de Bagé” de Luis Fernando Verissimo, que ela diz ainda possuir. Desta vez, trouxe “Romances de Estância e Querência” de Aureliano de Figueiredo Pinto, escritor gaúcho que deixou esta sua única obra publicada, que considera um poeta genial. Ela gosta de livros, poemas, têm uma cultura muito vasta e discorre sobre vários assuntos com maestria, foi estes assuntos em comum que os aproximaram.

O destino havia separado estas duas almas por tempo demais, até que, como ele mesmo gosta de dizer “Naquele dia, um asteróide cruzou próximo a terra, e teu coração sentiu o abalo. Então tu reparou que eu existia”. Diz ela que estas foram as palavras que deram a ele um lugar nobre no seu coração. Ela escreve assim, palavras rebuscadas, pontuadas, não usa a linguagem da moda, assim como eu, gosta dos poemas matinais, que acompanhados pela oração e o chimarrão, são meu vício.

A conexão que há entre eles, que descobriram neste reencontro, foi um verdadeiro abalo para ambos, a intensidade do que os aproximou e, na mesma proporção, os mantém afastados é, certamente, sobrehumano. Nunca se tocaram, não se viram recentemente, a não ser, por fotos que ela envia para o manter sob o jugo do desejo e do castigo. Falaram-se uma ou duas vezes, mas tantas eram as coisas para dizer, e nestes momentos parece que sempre tem alguém que exige sua atenção.

Não vou descrevê-la fisicamente, não seria justo com sua inteligência, tão pouco com a sua grandeza, nos momentos em que me deixei levar pela paixão a chamei de Rainha, agora mal me atrevo a chamá-la de doutora. Não posso exigir nada dela, mas carinhosamente está sempre me brindando com poemas quentes, carinhosos ou aqueles que sabe que me tocarão. Ela não desistiu de mim no momento em que nem mesmo eu acreditei. Estou sempre lhe dizendo para não fantasiar sobre mim, que não sou tudo que ela pensa, mas seus argumentos sempre vencem, pois me conhece muito mais que eu mesmo, de outras vidas certamente.

Voltar a Porto Alegre depois de tantos anos e com a intenção de vê-la, tornou esta viagem uma tortura para meu equilíbrio emocional, sempre amei a vida que tive aqui, a cultura, as pessoas, as experiências. E agora, encontrá-la aqui será mais uma memória de

Porto Alegre. Ainda não sei como me convenceu a estar aqui hoje, talvez não fosse somente seu poder de convencimento, bruxa de muitos poderes, como ela mesmo diz, deve ter me lançado algum encantamento. Como se precisasse desse tipo de subterfúgio para alcançar qualquer de seus objetivos. Está sempre dizendo que é pequena, no alto dos seus um metro e sessenta e quatro centímetros, tem um poder pessoal que é uma mistura de volúpia, altivez e charme e que desmentem o que o tamanho esconde.

Cheguei antes da hora marcada, não queria que ela ficasse me esperando, nos últimos minutos fiquei alí, pela Banca Central 54, mas não me concentrei em nada do que estava acontecendo à minha volta. Na sua última mensagem, que não respondi, não tenho tido palavras para dizer qualquer coisa que não fosse comprometer o nosso status de amigos em que nos coloquei e onde ela está resignadamente, mas que volta e meia, como na noite em que ela bebeu algumas garrafas de vinho rebelou-se, chorou, culpou-me de seduzi-la, abandoná-la e até passei por cafajeste.

Neste momento, parece que ouço meu nome ser chamado, virei-me para porta que combinamos, ela entraria. Mas nada me preparou para este momento, vê-la ali, a poucos metros de distância de mim, ao alcance das mãos, dos olhos, do coração. Coração este que parou de bater quando ela sorriu para mim, sua boca que me atormenta de desejo, feita a cinzel, o equilíbrio perfeito entre forma, volume, tamanho, não sei quantas vezes desejei tocá-los e agora eles sorriam para mim. Não sei como andei até ela, as fotos, a memória, nada fez jus a sua beleza e elegância, caminhando com passos firmes e um rebolado na cadência da música que Roberto Carlos fez para Caetano, “Debaixo dos caracóis dos seus cabelos”, o fundo musical do seu caminhar.

Quando chegamos no lugar marcado, seu perfume, que era inebriante, me envolveu e toda a minha oratória articulada desapareceu, foram substituídos por um – Boa tarde, doutora Regina! – Não consegui me mover, o presente que tinha em minhas mãos era a minha tábua de salvação, para me manter sobre as águas da emoção que era para mim, tê-la tão próximo.

– Boa tarde Augusto! – Ela me chama de Augusto! , diz que é a forma de me ter somente para ela, que Augustinho, como todos me conhecem , não faz jus ao homem que sou. Ela me tem em tão alta conta, que não compreendo às vezes como é possível ser merecedor da admiração que ela me dedica. Ainda sem palavras, estendo o presente que ansiava que lhe agradasse. – Fiz uma dedicatória, Doutora! – Ela pegou o embrulho, tirou os óculos escuros e pude ver seus olhos brilhantes, vivazes, realmente a porta para a sua

alma. Ela desembalhou o livro e sorriu e o meu mundo se pintou em cores cintilantes e um calor me aqueceu o peito se espalhando pelo meu corpo.

– Para mim, essas pessoas que dão livros nem são gente, são anjos! – Ela disse, esta frase foi um carinho que ela me presenteou em suas redes sociais, um dia depois de nos falarmos pela primeira vez e esta terna lembrança me fez sorrir – Vamos caminhar, acho que estamos interrompendo o trânsito.-- Como era bom ouvir a sua voz, quente, saborosa, sensual, melodiosa, me fazia lembrar da Canção de José Cláudio Machado, Milonga Abaixo do Mau tempo “Amada, me deu saudade...”.

Sáimos caminhando e conversamos sobre tudo e sobre nada ao mesmo tempo, o assunto era o que menos importava, queríamos somente conversar, queríamos estar ali, merecemos aquele encontro. Ela era tudo que eu me recordava e muito mais, o tempo somente lapidou aquela jóia que se tornara, sua inteligência com que conversava sobre todos os assuntos e a gentileza com que me ouvia, aquecia meu coração e durante o trajeto que fazíamos, por muitas vezes, tive ciúmes do “Aureliano” que ela carregava em suas mãos de unhas bem feitas, pequenas e que prometiam ser muito carinhas.

Veza ou outra, quando ela se movia, seus cabelos em cachos balançavam e espalhavam no ar o perfume que nunca mais sairá da minha memória e o movimento de acomodar alguns cachos atrás da orelha, me deixava totalmente desorientado, como diz o gaúcho. Não sei dizer o caminho que tomamos e quanto tempo ficamos na Casa da Cultura, porque deixei de contar as horas no momento em que me chamou de Augusto. E cada vez que ela fazia isso e o fez muitas vezes, o desejo que estava, a duras penas, controlando em mim, dava sinais de sua intensidade.

Perto das onze da noite desistimos de prolongar o inevitável. Aquele dia teria fim, saímos da Casa da Cultura e caminhamos na fria noite, mas não senti frio, senti dor, angústia. Nossos passos eram lentos na inútil intenção de prolongar ao máximo cada minuto que passamos juntos. Ao mudar o passo você se desequilibra e, instintiva e inocentemente, a segurei. Seu corpo, quente e perfumado, derreteu-se em minhas mãos e recuei rapidamente, para não colocar por terra todos os propósitos e juramentos que fiz, de nos manter única e exclusivamente no campo da amizade.

Quando chegamos no seu hotel, meu coração, que estava atormentado pela certeza da despedida, se fechou. O peso deste momento nos fez silenciar, caminhamos pelo hall do hotel até o elevador. Ali em frente estendi minha mão, pois não poderia voltar todo o meu caminho sem sentir o calor dela, sua mão pequena estava gelada, mas tenho

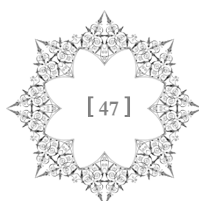
certeza que não era pelo frio da noite. No mesmo instante que nos tocamos um calor irradiou daquela mão pequena e suave, não nos olhamos, não podíamos, somente nos tocamos suavemente, não sei por quanto tempo segurei a sua mão. Quando a soltei um vazio gelado foi substituindo o calor que a mão dela deixou, ela se virou e entrou no elevador, levou com ela todo o oxigênio que havia no lugar. Quando ela se virou para mim novamente, me olhou nos olhos e tive a certeza de que não voltaria a respirar. Não pude dizer nada para ela, porque eu sou o único responsável por estarmos nesta situação. Senti a expectativa de que eu tomasse qualquer atitude estampada nos seus olhos, sua boca com os lábios levemente separados como que para ajudar a respirar, vendo tudo isso e não poder corresponder a esta sua necessidade me matou mais um pouco.

O elevador deu sinal de que iria se fechar e somente fui capaz de dizer – Boa noite, doutora Regina!! – e vi nos olhos dela, por um rápido relance, antes das portas do elevador se fecharem, a dor da certeza de que nunca mais a veria novamente. E o elevador a levou embora.

Não pude me mexer, não respirei, não chorei, somente senti doer enquanto minhas entranhas eram arrancadas. Como pude deixar ela ir embora? Porque não fui com ela até a porta do quarto, porque não a tomei nos braços e a beijei? Certamente era isso que ela esperava daquele homem que ela tanto admira, era isso que ela ansiava e desejava como me disse muitas vezes. Como eu desejava desvairadamente. Mas não, não fiz nada disso, como a vinte anos atrás, não lutei por ela.

Em minha comiseração de culpa e dor, que não me permitiam mover -me , sinto uma mão em meu ombro, um senhor calmo, que não sei de onde veio, estendendo a outra mão, me disse:

– Ela não levou a chave!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Caros amigos

Por Patricia Vieira

Professora de educação infantil, pedagoga, Mestre em Tecnologias Educacionais, mora em uma pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul, onde diz ser o seu lugar no mundo. Tem três meninos que são sua maior realização, tem na leitura uma paixão e na escrita o seu empoderamento. Poemas, poesias, contos, textos técnicos, não importa. Escrever é o que realmente traz sentido à sua existência.



Então depois de muito tempo o destino permitiu que estes amigos se encontrassem. Não um encontro qualquer em qualquer esquina, mas, como gosto de dizer, em um campo neutro onde somente o intelecto seria estimulado. O Mercado Público de Porto Alegre, com suas bancas, livreiros, bares e mesmo as peixarias, é um mundo dentro do mundo, como o mundo que estes amigos construíram para si. Marcaram de encontrarem-se bem no centro, sobre o piso de mosaicos com suas sete chaves e correntes, ele entraria pela porta sul, vindo da rua sete de setembro, dos lados do Palácio Municipal, a Prefeitura de Porto Alegre. Ela viria pela entrada norte, pelos sebos, vindo do Chalé da Praça XV, onde bebericou, demoradamente, um chá de sei lá o'que, com a inútil intenção de acalmar a mente e o corpo, até o horário marcado.

As cinco horas da tarde porto alegrense, nem dia nem noite, um horário desprezioso, sem o movimento da saída do trabalho, sem o peso de ser uma noite romântica, preparado, única e exclusivamente, para ser um encontro de mentes já exaustas de se imaginarem. Cinco minutos antes das cinco, atravesso a Praça XV, com passos curtos e lentos, não querendo parecer afoita, fui repassando os momentos que antecederam este tão esperado momento.

Ela chegou em Porto Alegre na noite anterior, hospedou-se no hotel Praça da Matriz, gosta muito do cantar dos pássaros nas árvores frondosas da praça, lembrando sua cidade e sempre que pode vai a Igreja da Matriz assim que suas portas são abertas. Veio já com as unhas feitas, o cabelo deixou para finalizar momentos antes de sair, deixou os cachos soltos como prefere e ao ajeita-los percebeu o quanto cresceram neste ano, principalmente os fios brancos o que para muitas mulheres pode ser um desalento, vejo com a resignação dos que são presenteados com o passar do tempo.

Escolheu um vestido verde escuro, solto para esconder as imperfeições do corpo que o tempo e a maternidade trouxeram, não era curto, alguns dedos acima do joelho, um salto alto confortável na cor vermelha, que supersticiosamente acredita que espanta os maus agouros. Para se proteger do frio do julho gaúcho, uma meia  $\frac{7}{8}$  preta presa pela cinta-liga, a calcina preta certamente, pois descobriu com o tempo ser a cor preferida dele, um espartilho da mesma cor, usado com a intenção de segurar o coração que ela temia saltar do peito a qualquer momento.

No banho usou seu óleo essencial para que seu perfume ficasse suave, maquiou-se com cuidado, colocou perfume na base da nuca, onde o pescoço encontra os cabelos,

um pouco entre os seios no chakra coronário, no decote v pendia uma correntinha com pingente de coração, que ele nem sabe, mas ela comprou e colocou o nome dele, que usa todos os dias. Nas orelhas pequenos brincos, um relógio para não perder a hora, um sobretudo longo de um tom mais escuro que o vestido, abaixo dos joelhos, um cachecol, óculos escuros completam a figura que ela espera estar elegante. Não levou nenhuma bolsa, somente o telefone em que ela conferiu antes de sair do quarto sua última mensagem, que ele, como de costume, não respondeu.

Ao entrar no Mercado Público, seu coração tocou um samba como os que se ouvem nos bares da Cidade Baixa, quem via a figura de longe, diria que a pequena mulher veio ao Mercado somente para um café. Ao longe, em frente a Banca Central 54 a figura alta do amigo, contemplava os produtos ali dispostos, sem fixar -se em nada, trazia nas mãos um embrulho, que pelo formato, imagino ser um livro. Mesmo sem vê-lo a muitos, muitos anos mesmo, o reconheceria em qualquer lugar. Neste momento, como que sentindo meu olhar ele se vira em minha direção, o samba parou e com ele todo o barulho do Mercado.

Caminhamos lentamente em direção ao centro do Mercado, coloquei minhas mãos no bolso do casaco pois tremiam levemente. Mas mantive o passo firme, meus lábios sorriram levemente e agradei aos meus guias por ter colocado os óculos escuros, pois meus olhos encheram-se de lágrimas, tamanha a emoção do tão esperado encontro. Apreciei o caminho que nos separava pois pude observá-lo com tranquilidade, o cabelo bem cortado, a barba feita, uma das mãos no bolso do casaco escuro e na outra o embrulho, os passos eram firmes com pés habituados a pisar aqueles caminhos, seus olhos não sorriram, mas os lábios disseram a frase que muitas vezes meus ouvidos imaginaram.

– Boa tarde, doutora Regina! – E o barulho do mercado voltou a ser ouvido.

– Boa tarde Augusto! – Para todos os outros humanos, era Augustinho mas para mim será sempre Augusto, gosto da sonoridade das letras, fico pensando sempre no carinho da mãe que escolheu este nome, no tamanho do homem que o carrega, não acho justo simplificar. por isso, será sempre Augusto.

Não nos cumprimentamos com um aperto de mãos. Você estendeu o embrulho, que antes mesmo de pegar, tenho a certeza que é um livro. – Fiz uma dedicatória, Professora! Tua voz estava calma, não sei como. Tirei os óculos escuros, peguei o presente, desembulhei ali mesmo e me encontrei com a obra “Romances de Estancia e Querencia”, de Aureliano de Figueiredo Pinto. Novamente meus olhos encheram-se de

lágrimas, pois você me apresentou Aureliano e tenho dele belas lembranças das noites insones que me causou.

– Para mim, essas pessoas que dão livros nem são gente, são anjos! – sorri e tive um sorriso de volta, não imaginei como era maravilhoso despertar um sorriso em você, – Vamos caminhar, acho que estamos interrompendo o trânsito.-- Eu disse. Saímos, caminhando lado a lado, sem nos tocar, pelo portão da Banca 40. Falamos sobre a vida portoalegrense, sobre a arquitetura, sobre a política, enquanto caminhamos vagarosamente pelas ruas do centro histórico. Passamos pela praça da Alfândega, lembrando das maravilhosas Feiras do Livro. É fácil falar com você, nos conhecemos, intimamente, sabemos nossos gostos, nossos talentos e os passos, lentos, costuravam assuntos sem pausa, como que para não nos permitir pensar em nada do que realmente sentimos.

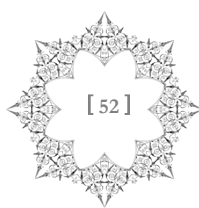
O assunto entre mentes brilhantes não tem fim, sempre admirei sua articulação, inteligência, mas ouvir o som da tua voz dava um compasso diferente às palavras. Vez ou outra, ergo meus olhos e fico vendo o movimento dos teus lábios, sinto o aroma do teu perfume e o calor do teu corpo a centímetros do meu e me forço a concentrar-me no assunto, que me agrada, mas que tem uma concorrência cruel. Sentamos, lado a lado, pois não confio em mim para sentar de frente a ti, em um dos cafés da Casa da Cultura Mário Quintana e nem nos demos conta que o inverno escureceu o dia. Ali pedimos um capuccino de baunilha e um café, falamos sobre Mario, Luiz Antonio de Assis Brasil e Aureliano, me brindou com vários poemas de Caio de Abreu, que me tornei fã pelas tuas mãos.

Sem demora a noite vai sumindo e o silêncio, de sabermos que está acabando, cai sobre nós, meros amigos. Pagamos a conta e decido ir caminhando para o hotel, você como bom filho da dona Cecília, decide me acompanhar na noite fria do Porto dos Casais. Caminhamos pela rua Caldas Júnior, o que traz memórias da tua vida de estudante e sobre ela fico ouvindo tua voz e guardando cada nuance dela. Os paralelepípedos da calçada tornam difícil manter meu passo elegante e vez ou outra você precisou, gentilmente, me apoiar. Sua mão grande segurou-me pela cintura, firme e rapidamente, momento único e suficientemente para me reequilibrar.

Mal sabe você, o desequilíbrio que me causou. Chegando na porta do hotel, entrou comigo no hall, caminhamos em direção ao elevador, despedimo-nos com frivolidades sobre o tempo, não se falou de saudades, de distâncias ou de tristezas, neste dia somente

nosso, não nos permitimos nada. Em frente ao elevador, você estendeu-me a mão, em que eu coloquei a minha, pequena e fria. Senti teu calor, tua mão firme envolvendo a minha, demoramos mais que o necessário, em silêncio, resignado, nos separamos. Entrei no elevador e fiquei esperando as portas se fecharem, te olhei nos olhos pela primeira vez naquele dia, enquanto gravava na minha memória cada minuto vivido e cada centímetro do teu rosto. Segundos antes da porta se fechar, ouço-te dizer:

– Boa noite, doutora Regina!-- E o elevador me levou embora.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Estradas (des)conhecidas

Por Paulo Morisson

Paulo de Morisson Faria Júnior nasceu em Minas Gerais e com 17 anos se mudou, juntamente à sua família, para Florianópolis/SC. Morando em uma ilha, tornou-se um grande observador e experimentador da natureza, dos astros, dos seres e das nuances entre estes entes. Ali também aprimorou sua observação tanto de comportamentos, como de sotaques, trejeitos e das várias formas de sentimentos e comunicação.

## **Agradecimento**

A todos os seres, sentimentos e astros que me iluminaram, fascinaram, surpreenderam, entusiasmaram, enfim que impulsionaram as minhas escritas despreziosas, porém fundamentais para compartilhar minhas emoções.

Andar sem destino  
Por estradas conhecidas  
Encher de rebeldia  
Um coração calmo e satisfeito  
Saudades fazer sentir

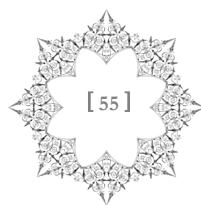
De tudo que ainda terei  
Perdido dentro de mim  
Medo de tudo que eu já sei  
Pedras no salto que eu dei  
Sem saber se vou cair

Paixão por tudo que já tenho  
Abandono por tudo que mereço  
Respeito por tudo que me agride  
Seguir regras que me levam ao recomeço

Me consumo por tudo que me enxerga  
Me elevo por tudo que me engana  
Me satisfaço com qualquer riso falso  
Piso fundo em tudo que me ama

Faço parte do sorriso gostoso  
Faço média por um simples afago  
Morro e mato por um engano meloso  
Me envaideço por um vício barato

Me engrandece ver um olho fechado  
Me eterno quando grita meu nome  
Me impressiona quando sinto seu corpo  
Te pertença me sentindo seu homem





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Casa comigo?

Por Paulo Morisson

Paulo de Morisson Faria Júnior nasceu em Minas Gerais e com 17 anos se mudou, juntamente à sua família, para Florianópolis/SC. Morando em uma ilha, tornou-se um grande observador e experimentador da natureza, dos astros, dos seres e das nuances entre estes entes. Ali também aprimorou sua observação tanto de comportamentos, como de sotaques, trejeitos e das várias formas de sentimentos e comunicação.



Quando a conheci  
Não sabia o que viria  
Sentimento ou apatia  
Conforto ou solidão  
Merecimento ou gratidão

Mas fui surpreendido  
Intensidade e libido  
Cumplicidade e empatia  
Desejo e telepatia

Simplicidade cativante  
Intimidade delirante  
Iniciativa coadjuvante  
Reciprocidade relevante

Envolvido em termos desconhecidos  
ao mesmo tempo agradecido  
Por promessas mal contadas  
e realidades inventadas

E sucumbi

A termos um futuro decidido  
Merecer e ser merecido  
Conhecer e querer ser conhecido  
Quando lhe propus ao pé do ouvido:  
Casa comigo?





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Mãezinha

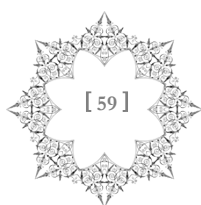
Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Mãe, mãezinha querida!  
Em tua memória,  
cantei-te noutra língua.  
Talvez, pela urgência de fazê-lo.  
Talvez, pela magnitude do momento.  
Talvez, por anônima, me querer.  
Talvez, por pequena me sentir...  
perante a todos, perante a ti.

Quão forte, quão presente,  
tu foste.  
Teu amor a preencher,  
a contornar espaços.  
A modelar estrutura humana.  
Canto-te a melodia,  
que a mim, tu inspiraste.

Cantei-te... e canto-te, agora.  
E quantas vezes,  
urgir o meu coração,  
que dorido, por ti, chora,  
cantarei.  
Para, com o meu canto,  
a ti, me elevar.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

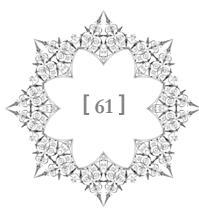
# Sempre Presentes

Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

De perto ou de longe...  
fisicamente presentes  
ou só por distantes  
e virtuais mensagens...  
são a invisível certeza...  
na constância  
do sempre...  
do presente...  
Amigos.

Suporte sem alicerce  
nem estrutura...  
Do sorriso e da afeição,  
o físico ou o toque...  
irrelevantes.  
Dispensa espaço  
e ignora distâncias,  
a fraterna amorosidade.  
Perene e certa  
a amizade.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Amor e tudo o mais

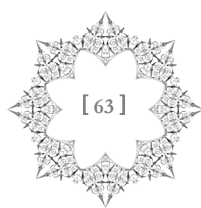
Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Era uma vez uma garota  
que sobre amor cresceu a cismar...  
embrenhou-se pelo platônico...  
amor sem se esforçar.

Era uma vez uma garota  
que cresceu e floresceu-se  
mulher... e amor já tinha  
mais cor... e definição...

e a questão do "tudo o mais".





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Dias perigosos

Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).



Às vezes, vem-me a impressão  
que um desmoronamento  
das relações está acontecendo.

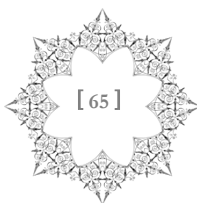
Talvez as distâncias... talvez  
a agitação... talvez a desilusão...  
não sei... não sei... mas sinto.

E se nada disso peso tiver...  
na decadência, na legitimidade,  
no desequilíbrio... o quê então?

Um sentimento de desamparo  
em momentos de solidão...  
e a negatividade de mensagens...

Que atrasam... que faltam...  
e o mundo mais vazio...  
mais oco... de humanidade.

A faltar o muito de valor...  
solidariedade, amizade,  
irmandade e muito amor.





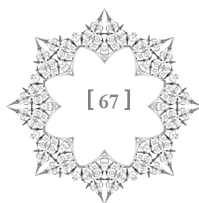
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Uno

Por Tânia Castro

Tânia Castro, nascida na cidade do Rio de Janeiro, começou sua vida artística muito cedo. Sua produção criativa foi concentrada sempre em sua paixão pela leitura, escrita, pintura e desenho. Recebeu vários prêmios em pintura. Arquiteta e urbanista, tem M.Sc, na LSE, e M.A., no ILAS, ambos da Universidade de Londres. Sempre gostou de ler e escrever. O primeiro poema, Tânia tinha apenas sete anos. Recentemente ganhou Menção Honrosa num concurso literário da AJEB - Associação dos Jornalistas e Escritores do Brasil. No ano de 2023, ganhou o 1º lugar em um concurso de poesias da Editora Versiprosa.

Um só,  
Uno,  
Corpos etéreos.  
Viemos atados,  
O universo nos tornou  
Um, muito antes da expulsão  
Do ventre materno, flores desabrochadas para a vida.  
Lembras das nossas loucuras, nossos sonhos?  
Somos a unidade, a divina proporção,  
O templo sagrado de nós mesmos.





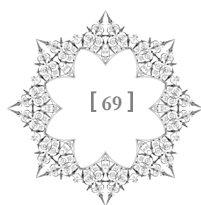
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Magia da vida

Por Tânia Castro

Tânia Castro, nascida na cidade do Rio de Janeiro, começou sua vida artística muito cedo. Sua produção criativa foi concentrada sempre em sua paixão pela leitura, escrita, pintura e desenho. Recebeu vários prêmios em pintura. Arquiteta e urbanista, tem M.Sc, na LSE, e M.A., no ILAS, ambos da Universidade de Londres. Sempre gostou de ler e escrever. O primeiro poema, Tânia tinha apenas sete anos. Recentemente ganhou Menção Honrosa num concurso literário da AJEB – Associação dos Jornalistas e Escritores do Brasil. No ano de 2023, ganhou o 1º lugar em um concurso de poesias da Editora Versiprosa.

A vida tem muita magia:  
Há a chuva, o mar, o céu,  
As árvores, as flores, os morros,  
Os pássaros que voam livres,  
O sol, a lua, o amanhecer e o anoitecer.  
Há a música, a dança  
E as pessoas também.  
Não sei como, perdi o compasso.  
Neste momento, sou toda reinícios.  
Há dias em que só o amor  
Pode nos salvar.  
Há os sonhos de dias  
Que anunciavam muito.  
Havia noites, que aguardavam vida.  
É isso: um silêncio, um olhar,  
Uma lágrima, um sorriso,  
Um abraço, um carinho,  
Um beijo  
E já te sinto em mim.





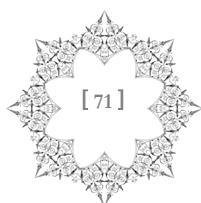
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Amizade

Por Tânia Castro

Tânia Castro, nascida na cidade do Rio de Janeiro, começou sua vida artística muito cedo. Sua produção criativa foi concentrada sempre em sua paixão pela leitura, escrita, pintura e desenho. Recebeu vários prêmios em pintura. Arquiteta e urbanista, tem M.Sc, na LSE, e M.A., no ILAS, ambos da Universidade de Londres. Sempre gostou de ler e escrever. O primeiro poema, Tânia tinha apenas sete anos. Recentemente ganhou Menção Honrosa num concurso literário da AJEB – Associação dos Jornalistas e Escritores do Brasil. No ano de 2023, ganhou o 1º lugar em um concurso de poesias da Editora Versiprosa.

Amigo, amiga.  
A amizade é um amor  
Que é mais sincero  
E profundo.  
A ligação que nós temos  
Não pode ser explicada,  
Apenas vivida.  
Ao abrir os braços,  
Te sinto,  
Te encontro e  
Me redescubro.  
Quando estamos juntos,  
Estabelecemos um vínculo forte.  
Sou a essência,  
Sou o coração,  
Estou incluído nisso.  
Amigo, amiga  
Um refúgio.  
Entrelaçados,  
Assim permaneço.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

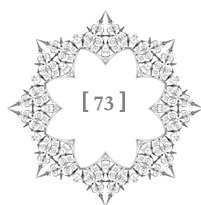
# Cura

Por Tânia Castro

Tânia Castro, nascida na cidade do Rio de Janeiro, começou sua vida artística muito cedo. Sua produção criativa foi concentrada sempre em sua paixão pela leitura, escrita, pintura e desenho. Recebeu vários prêmios em pintura. Arquiteta e urbanista, tem M.Sc, na LSE, e M.A., no ILAS, ambos da Universidade de Londres. Sempre gostou de ler e escrever. O primeiro poema, Tânia tinha apenas sete anos. Recentemente ganhou Menção Honrosa num concurso literário da AJEB – Associação dos Jornalistas e Escritores do Brasil. No ano de 2023, ganhou o 1º lugar em um concurso de poesias da Editora Versiprosa.



Ofereci-te  
Meu peito nu  
Para que pousasses  
Tua cabeça,  
Cura da dor.  
Tantos sonhos,  
Inimagináveis,  
Perderam-se  
No tempo.  
Só tangíveis  
Na voz,  
No riso,  
Espaço do corpo  
Nu.





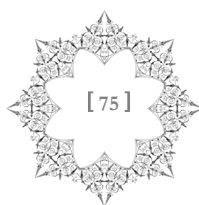
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Limiar

Por Tânia Castro

Tânia Castro, nascida na cidade do Rio de Janeiro, começou sua vida artística muito cedo. Sua produção criativa foi concentrada sempre em sua paixão pela leitura, escrita, pintura e desenho. Recebeu vários prêmios em pintura. Arquiteta e urbanista, tem M.Sc, na LSE, e M.A., no ILAS, ambos da Universidade de Londres. Sempre gostou de ler e escrever. O primeiro poema, Tânia tinha apenas sete anos. Recentemente ganhou Menção Honrosa num concurso literário da AJEB – Associação dos Jornalistas e Escritores do Brasil. No ano de 2023, ganhou o 1º lugar em um concurso de poesias da Editora Versiprosa.

Dentro do peito,  
No limiar  
Entre dor e gozo  
Comoventes.  
O que fazes?  
Sentidos,  
Todos a postos.  
Noite  
Não dormida,  
Esquecida,  
Dolorida.  
Choro pelos poros,  
Choro a perda  
De um grande  
Amor.



**CONHEÇA OUTROS  
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS  
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)  
CURTA: [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)  
CURTA: [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA)  
SIGA: [WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)  
INSCREVA-SE: [WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD](http://WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD)  
E-MAIL: [ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG](mailto:ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG)

**PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI**